



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

JOÃO MARCOS TEIXEIRA BOAVENTURA

**OS AFETOS NO SOFRER:
UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM
MOMENTOS DE SOFRIMENTO**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2025

João Marcos Teixeira Boaventura

**Os afetos no sofrer:
um estudo sobre a influência das relações contemporâneas em momentos de sofrimento**

Monografia apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Psicologia foi avaliado para obtenção de título de Bacharel em Psicologia e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Mendes Rosa

Miracema do Tocantins, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B662a Boaventura, João Marcos Teixeira.

Os afetos no sofrer: um estudo sobre a influência das relações contemporâneas em momentos de sofrimento. / João Marcos Teixeira Boaventura. – Miracema, TO, 2025.

28 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2025.

Orientador: Carlos Mendes Rosa

1. Afetos. 2. Sofrimento. 3. Psicanálise. 4. Contemporâneo. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JOÃO MARCOS TEIXEIRA BOAVENTURA

OS AFETOS NO SOFRER:
UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM
MOMENTOS DE SOFRIMENTO

Monografia apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Psicologia foi avaliado para obtenção de título de Bacharel em Psicologia e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora

Data de Aprovação: 08/12/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Mendes Rosa, orientador – UFT.

Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio, examinador - UFT

Prof. Dr. Igor do Carmo Santos, examinador – UFT.

AGRADECIMENTOS

A priori eu agradeço aos meus familiares, Marcos, Marina, Isadora, Lorena, meu cachorrinho Romeu e, meu primo, Gabriel, por todos os amparos e afetos que me foram presenteados durante esses cinco anos de graduação, pois, foram graças à eles que pude e consegui realizar esse sonho e passar por momento desafiadores da vida.

Para além de meus familiares, agradeço aos meus amigos/colegas de curso que me apresentaram que é possível existir novas formas de amar, Tales Eduardo, Nicole, Elizabeth, José Bryan, Alessandra e Ana Caroline. À eles eu recorto um agradecimento especial por todo carinho e amparo durante os momentos mais difíceis que passei, pois sei que a vida sem a existência deles, seria mais sem graça e mais difícil.

Agradeço aos meus dois amigos em que tive amparos em Palmas, Rafaela, na qual pude compartilhar, ao final de minha trajetória acadêmica, momentos de angústia, reflexões e conversas intermináveis sobre os afetos. Por fim, mas não menos importante, meu grande amigo, Miguel, que, de longe, é um dos amigos que mais tenho admiração e pode me dar sábios conselhos durante essa trajetória.

Agradeço ao meu orientador de TCC e supervisor de estágio, Carlos Mendes Rosa, por ter topado seguir com esse projeto, mesmo nas incertezas e por me mostrar o melhor e o mais sábio caminho a se seguir.

Agradeço a minha analista, Michelle, por me ouvir e ser a ponte de amparo durante as minhas trajetórias da vida e aventuras.

Por fim, eu agradeço a pessoa mais importante em minha vida, a mim, por não desistir da vida nos momentos mais difíceis, por não desistir do curso nos momentos mais angustiantes, por seguir, mesmo não sabendo onde iria chegar.

-“Happiness is only real when shared.” Christopher McCandless.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como foco uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de investigar, com o amparo da psicanálise, de que modo os afetos contemporâneos, de todos os modos, influenciam a vivência da dor e do sofrimento, considerando tanto seu potencial de amparo quanto os desamparos durante esse processo. Essa investigação se deu a partir de leituras de artigos e livros que tratem sobre a temática de afetos, sofrimento e contemporaneidade, de autores como Ana Suy, Christian Dunker, Zygmunt Bauman entre outros, os quais abarcam reflexões e debates da modernidade e suas angústias perante as relações e suas angústias. Como resultado da pesquisa, pode ser destacado que as formas de relacionar contemporaneamente estão pautadas em uma lógica capitalista de consumo e descarte, partindo disso, foi notável que existe uma busca constante por evitar sofrer a todo custo. Desse modo, o desamparo é manifestado não só na ausência de suporte, mas também na substituição rápida de vínculos e a negação do sofrimento. De modo contrário, os afetos durante o sofrimento se mostraram potentes, nas escutas e nas redes de apoio, que são oferecidas ao sujeito, propondo um espaço para elaboração do sofrimento.

Palavras-chave: Afetos. Sofrimento. Psicanálise. Contemporâneo

ABSTRACT

The present undergraduate thesis focuses on a bibliographic research aimed at investigating, with the support of psychoanalysis, how contemporary affections, in all their forms, influence the experience of pain and suffering, considering both their potential to provide support and the experiences of helplessness that arise throughout this process. This investigation was conducted through the reading of articles and books that address themes such as affections, suffering, and contemporaneity, by authors such as Ana Suy, Christian Dunker, Zygmunt Bauman, among others, who offer reflections and debates on modernity and its anxieties regarding relationships and their tensions. As a result of this research, it was highlighted that contemporary forms of relating are grounded in a capitalist logic of consumption and disposability, which reveals a constant pursuit to avoid suffering at all costs. In this sense, helplessness is manifested not only in the absence of support but also in the rapid replacement of bonds and the denial of suffering. Conversely, affections experienced during moments of suffering proved to be powerful, especially within listening spaces and support networks offered to the subject, providing a space for the elaboration of suffering.

Keywords: Affections. Suffering. Psychoanalysis. Contemporary.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	JUSTIFICATIVA.....	08
3	PROBLEMA DE PESQUISA	10
4	OBJETIVOS.....	11
4.1	Objetivo Geral	11
4.2	Objetivos Específico	11
5	METODOLOGIA	12
6	MARCO TEÓRICO	14
6.1	O amor na teoria psicanalítica	16
6.2	Os afetos na atualidade.....	28
6.3	Os amparos e desamparos das relações	21
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Tanto o amor quanto o sofrimento são experiências inevitáveis na trajetória humana. Desde os primórdios da história, esses sentimentos ocupam lugar central na constituição dos sujeitos e nas formas de vivenciar os vínculos, as perdas e os afetos. Basta observar a presença recorrente do amor e da dor em poemas, obras literárias, músicas e outras expressões artísticas, atravessando diferentes épocas e culturas, para perceber sua relevância na experiência humana.

Partindo disso, os laços afetivos, especialmente as amizades, também sempre desempenharam um papel significativo nos momentos de dor e vulnerabilidade. Como aponta Ana Suy (2022), são justamente os amigos que permanecem ao lado do sujeito quando tudo dá errado, oferecendo acolhimento e apoio. A autora ainda observa que, com frequência, as amizades se afastam temporariamente quando um novo relacionamento amoroso se inicia, mas retornam à cena quando esse vínculo fracassa, revelando sua importância na sustentação durante a elaboração desses momentos difíceis.

Partindo desse contexto e considerando as formas contemporâneas de vivência da afetividade, observa-se que as relações afetivas na sociedade atual estão cada vez mais marcadas pela fluidez e instabilidade. Essa fragilidade dos vínculos marca possíveis dificuldades na sustentação dos indivíduos em momentos de dor e sofrimento, levantando questões importantes sobre o modo como esses laços influenciam, ou deixam de influenciar, a elaboração psíquica das experiências difíceis.

Como aponta Christian Dunker (2015), o mal-estar contemporâneo relacionado à dificuldade de elaborar os sofrimentos psíquicos está, em grande parte, ligado a um laço social não bem desenvolvido. Ainda que esses vínculos estejam ausentes ou enfraquecidos, continuam sendo importantes para a elaboração de todo o sofrimento que o sujeito está passando. Nesse sentido, o sofrimento não deve ser compreendido apenas como uma experiência individual ou isolada, mas como expressão de vínculos rompidos, promessas não cumpridas e relações que falharam em oferecer sustentação subjetiva. A precariedade dos laços afetivos na contemporaneidade, marcada pela fluidez e pela lógica do descarte, compromete a possibilidade de reconhecimento e acolhimento desses sofrimentos, dificultando ainda mais sua elaboração psíquica.

2 JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema foi motivada por atravessamentos e vivências pessoais ao longo dos cinco anos de graduação. Neste percurso, tive a oportunidade de redescobrir formas de amor, especialmente por meio das amizades que se consolidaram nesse período. Como afirma Ana Suy (2022), o amor mais bonito, e muitas vezes o que mais salva vidas, é aquele que emerge nas amizades, “o amor que deu certo”. Essas relações, além de transformarem minha percepção sobre o amor e o cuidado, foram fundamentais para o enfrentamento das adversidades e angústias que marcam a trajetória acadêmica. A partir dessa experiência, emergiu o interesse em investigar como o amor, em suas múltiplas expressões e faces, pode atuar como suporte diante de sofrimentos e o mal-estar que perpassa a subjetividade na contemporaneidade.

Para além do contexto pessoal, o interesse nesta temática parte também em compreender como as dinâmicas afetivas da contemporaneidade influenciam a vivência de dor e sofrimento psíquico. Em um cenário marcado pela aceleração do cotidiano e pela fragilidade dos vínculos, aspectos destacados por autores como Bauman (2004), ao falar do “amor líquido”, e Lipovetsky (2016), ao discutir a “sociedade da leveza”, torna-se justificável e relevante investigar de que modo essas transformações impactam a subjetividade e a constituição dos laços interpessoais na atual sociedade.

Do ponto de vista econômico e social, compreender os impactos das novas formas de se relacionar afetivamente na contemporaneidade revela-se especialmente relevante. A lógica da efemeridade e do descarte dos vínculos afetivos reforça dinâmicas capitalistas de consumo, ao mesmo tempo em que contribui para o agravamento dos sofrimentos psíquicos, afetando o bem-estar, a produtividade e a saúde mental dos sujeitos. Nesse sentido, Foucault (1976) destaca como as relações sociais e de poder moldam a constituição dos sujeitos, influenciando diretamente suas formas de viver, sentir e se relacionar. Assim, ao investigar essas transformações, esta pesquisa busca colaborar para uma compreensão mais ampla dos efeitos dessas dinâmicas relacionais, contribuindo para reflexões e práticas de cuidado mais sensíveis às exigências da vida contemporânea.

Observa-se, também, a escassez de trabalhos contemporâneos voltados a investigar os impactos das atuais dinâmicas relacionais na vivência de momentos que possam causar sofrimento. Isso reforça a importância desta pesquisa, que busca contribuir para a compreensão, especialmente no meio acadêmico, dos efeitos que essas transformações sociais e afetivas podem exercer sobre a subjetividade contemporânea. Assim, compreender tais impactos torna-

se essencial para pensar práticas de cuidado mais sintonizadas com os modos de sofrimento atuais.

Vale destacar uma outra necessidade de investigação acadêmica, visto que esta pesquisa pretende dialogar com conhecimentos já consolidados sobre o sofrimento psíquico e as relações humanas, como os propostos por Christian Dunker, Ana Suy, Zygmunt Bauman, entre outros, articulando-os aos modos contemporâneos de amar e sofrer, e, assim, contribuindo para a ampliação dos referenciais teóricos e clínicos da área.

Por fim, esta pesquisa busca oferecer contribuições relevantes para a psicologia ao problematizar as novas formas de vínculo afetivo na contemporaneidade e suas implicações no sofrimento psíquico. Considerando os aspectos subjetivos e sociais dos relacionamentos atuais, pretende-se fomentar reflexões que dialoguem com práticas clínicas e sociais mais sensíveis às condições de existência na modernidade.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

De que modo as transformações nas relações afetivas contemporâneas impactam a vivência e o enfrentamento do sofrimento?

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

- Investigar, à luz da psicanálise, de que maneira os relacionamentos afetivos contemporâneos, amorosos e de amizade, influenciam a vivência da dor e do sofrimento psíquico, considerando tanto seu potencial de apoio quanto suas fragilidades.

4.2 Objetivos Específico

- Analisar, com base em autores contemporâneos, as transformações nos modos de vinculação afetiva na sociedade atual, considerando seus aspectos socioculturais e subjetivos.
- Compreender, à luz da psicanálise, como os laços afetivos, amorosos e de amizade, operam na sustentação ou agravamento do sofrimento psíquico, especialmente em contextos de dor e mal-estar.
- Discutir os efeitos da fluidez e fragilidade dos vínculos nas possibilidades de elaboração subjetiva e na constituição de redes de apoio emocional.

5 METODOLOGIA

Como já foi apresentado, há uma necessidade crescente de investigar os impactos das novas dinâmicas relacionais e o modo como essas formas de vinculação podem contribuir, ou não, para a elaboração de experiências de dor, sofrimento e mal-estar na contemporaneidade.

Dessa forma, a presente pesquisa será conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, com enfoque teórico-bibliográfico. A investigação será realizada por meio da leitura e análise de artigos científicos e livros que abordem temas relacionados ao sofrimento psíquico, ao amor, às relações afetivas e às configurações interpessoais na sociedade contemporânea. O objetivo é reunir dados teóricos que contribuam para compreender de que maneira tais relações influenciam (ou falham em influenciar) os processos de elaboração subjetiva diante de vivências difíceis.

A busca bibliográfica será realizada em bancos de dados acadêmicos como SciELO, PePSIC, BVS, CAPES e Google Acadêmico. A seleção priorizará produções que dialoguem com a psicanálise e com os debates contemporâneos sobre afetividade e sofrimento. Além dos artigos, serão utilizados livros de autores que tratam diretamente da temática, como Christian Dunker, Ana Suy, entre outros.

Serão utilizados descritores para uma busca mais precisa, como: "relações", "relacionamentos", "amor", "dor", "sofrimento", "sofrimento psíquico" e "contemporaneidade", combinados entre si com o objetivo de ampliar os resultados encontrados. O recorte da pesquisa foca na produção teórica dos séculos XX e XXI, com ênfase em textos que problematizam as formas de sofrimento subjetivo associadas à fragilidade dos laços afetivos contemporâneos, especialmente sob a ótica da psicanálise.

Após a coleta inicial, será realizado um filtro dos materiais com maior afinidade com a proposta da pesquisa, priorizando produções que abordem diretamente a relação entre sofrimento psíquico, vínculos afetivos contemporâneos e seus possíveis impactos como formas de amparo, ou de fragilidade, em momentos de angústia

Em seguida, será realizada uma análise crítica do material selecionado, com base na perspectiva da teoria psicanalítica. Serão examinadas as interpretações oferecidas pelos autores, comparando suas concepções sobre as relações afetivas e o sofrimento psíquico. Essa análise buscará articular os conceitos discutidos, aprofundando o debate teórico e compreendendo de que modo as formas contemporâneas de vinculação estão, ou não, relacionadas à sustentação subjetiva em contextos de dor e angústia, considerando os laços afetivos disponíveis aos sujeitos.

Por fim, com base nessa análise, será iniciada a elaboração da redação final, articulando os dados coletados, os referenciais teóricos e as reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa. Essa etapa corresponde à produção final do trabalho de conclusão de curso, que será elaborado e finalizado até dezembro, quando será submetido à banca avaliadora.

6 MARCO TEÓRICO

O amor, ainda que singular na forma como é experienciado por cada sujeito, sempre esteve presente nas dinâmicas relacionais humanas. Enquanto experiência afetiva que constitui culturas e tempos históricos, o amor também revela suas tensões com a dor e o sofrimento. Como aponta Ana Suy em sua obra *A gente mira no amor e acerta na solidão*, ele pode tornar essas experiências mais densas, profundas e, paradoxalmente, interessantes (KUSS, 2022).

Ao recorrer às literaturas freudianas mais antigas, Freud, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), lança luz sobre a angústia como uma experiência inerente à vida psíquica. Para o autor, ela surge como resposta a uma situação de perigo, real ou imaginária, e está ligada a um processo em que ocorre a retirada do investimento libidinal (energia psíquica) do pré-consciente, o que produz uma sensação de desprazer. Essa retirada de energia funciona como um sinal de alarme diante de algo que ameaça, fazendo da angústia um mecanismo contra esse perigo. No entanto, quando esse desprazer é intensificado, pode transformar-se em um sofrimento psíquico mais profundo para o sujeito. Freud retoma essa discussão em *O mal-estar na civilização* (1930), ao apontar que viver em sociedade, embora seja condição necessária à vida humana, inevitavelmente produz angústia, seja pelas imposições culturais ou morais, seja pelos conflitos que emergem das relações interpessoais. Apesar disso, o autor reconhece que é justamente no laço social que o sujeito pode encontrar uma via de sustentação e elaboração desses afetos, revelando a ambivalência própria da existência civilizada.

Essa visão dialoga com o texto *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (BAUMAN, 2004), que, ao refletir sobre os vínculos na contemporaneidade, destaca a existência de uma fragilidade dos laços afetivos, vale destacar que esses laços estão voltados para todos os tipos, sejam eles amizades, amores e até relações familiares. Esse laço frágil pode gerar agravamentos, já que o não apoio durante a elaboração dos sofrimentos poderá provocar angústias por diversas outras esferas, tanto pela falta dos vínculos, quanto pela falta do amparo que eles poderiam oferecer, visto que a participação de pessoas próximas perante tais experiências são importantes para a elaboração desse sofrimento, (GOMES e FERRAZ, 2024). A partir disso, torna-se perceptível que a sociedade contemporânea está cercada por relações frágeis que dificultam a elaboração dos afetos em momentos difíceis, como os vínculos virtuais, que, destacado por Soares e Stengel (2020), são um exemplo de dinâmicas relacionais pautadas em fluidez e descarte perante as dificuldades encontradas nos vínculos afetivos.

Entretanto, no cenário atual, marcado por intensas mudanças sociais e tecnológicas, essas experiências afetivas passam a ser vividas de maneira mais fluida e instável. A cultura

contemporânea da aceleração não se manifesta apenas no avanço tecnológico, mas também nas formas de se relacionar afetivamente. Segundo Bauman (2004), a dinâmica do amor na modernidade líquida, inserida na lógica capitalista, tornou-se cada vez mais volátil e superficial, orientada pela busca de satisfações rápidas e imediatas. O uso de aplicativos de namoro é um exemplo dessa transformação, em que os laços afetivos passam a assumir características de mercadorias descartáveis, substituíveis e pautadas pela lógica do consumo. É importante salientar que tais características mercantis e descartáveis são visíveis em outros âmbitos, como nas relações de amizade e de trabalho, que propaga a lógica de produção.

Esse enfraquecimento dos vínculos, fruto da lógica de consumo e do imediatismo afetivo, tem consequências diretas sobre o mal-estar e as diferentes formas de sofrimento. A ausência de vínculos sólidos e sustentadores nos momentos de dor psíquica evidencia uma das marcas do sofrimento contemporâneo: o isolamento. Nesses contextos, a busca por apoio se torna um desafio, e o sujeito tende a entrar em um ciclo repetitivo em que o afastamento gera ainda mais afastamento. Como aponta Christian Dunker (2017), o isolamento, a introversão e a introspecção são respostas subjetivas que, muitas vezes, não se iniciam de forma voluntária, mas são fruto de uma precariedade nas relações e das dificuldades em sustentar conexões emocionais consistentes.

Quando analisamos o contexto de relações interpessoais, principalmente voltadas para aquelas que possam nos amparar em momentos difíceis, algo que é inerente à vivência humana, é importante pontuar e diferenciar quais tipos de relações possam ser boas e quais possam piorar o estado de angústia que o indivíduo possa estar passando. Dunker (2017) aponta sobre o reconhecimento do sofrimento, legitimidade, dignidade e a atenção perante toda essa relação que o sofrimento tem do sujeito com o poder, sendo esse poder aquele que está intrínseco nas relações

Diante disso, torna-se evidente a relevância das relações afetivas, sejam elas românticas, de amizade, familiares ou comunitárias, no enfrentamento de experiências psíquicas marcadas por afetos de difícil elaboração. Como discute Ana Suy (2022), são justamente os amigos que, em momentos de angústia, podem apontar caminhos possíveis, revelando que nem tudo está perdido. Assim, uma rede de apoio formada por amigos, familiares, grupos de escuta ou instituições pode desempenhar um papel fundamental na sustentação subjetiva, contribuindo para que esses momentos sejam vividos com maior amparo e possibilidade de elaboração.

Perante esse cenário, em que uma sociedade adoecida convive com angústias intensificadas e com a fragilidade dos vínculos afetivos, o apoio interpessoal se apresenta como uma condição essencial para o enfrentamento do sofrimento psíquico e do mal-estar gerado pela

modernidade fluida. Isso evidencia a necessidade de investigar de que modo as relações contemporâneas podem, ou não, contribuir para a elaboração dessas experiências. Nesse contexto, a lógica relacional contemporânea pode ser compreendida a partir do conceito de obsolescência programada, colocando em paralelo o que Carlos Mendes Rosa trabalhou em sua tese de doutorado (ROSA, 2015, p. 71), esse termo originalmente utilizado para descrever a retirada proposital de produtos de circulação após um curto período de uso, ele ajuda a iluminar a dinâmica dos vínculos afetivos que, muitas vezes, são descartados rapidamente, como se fossem “substituíveis” ou “consumíveis”, relacionando de forma totalmente coerente com as dinâmicas de relacionamentos contemporâneos, sejam elas afetivas ou românticas. Isso aponta para um cenário em que não há investimento em relações sólidas e duradouras, apenas essa lógica consumista e capitalista de haver uma dinâmica relacional rápida e fluida, o que compromete diretamente a possibilidade de apoio e sustentação subjetiva nos momentos de sofrimento.

6.1 O amor na teoria psicanalítica

Na psicanálise, o amor ocupa lugar de destaque, por ser crucial na compreensão da vida afetiva e sexual do sujeito, como examina Freud em *Sobre a mais geral degradação da vida amorosa* (1912/2018). O autor apresenta elaborações muito pertinentes sobre esse afeto e suas relações, exprimindo como essa experiência possui um caráter totalmente animalesco, justificando tal afirmação ao explicar que esta afetividade está interligada com às pulsões de excitação amorosa, sendo elas, de extrema dificuldade de se “educar”, por não serem toleráveis na nossa cultura estética, a qual estão interligadas a partes excrementícias, (FREUD, 1912/2018, p. 150).

Dando continuidade ao contexto desse sentimento, Freud propõe uma reflexão sobre os impasses da vida amorosa, apontando o conflito que o sujeito vivencia ao tentar conciliar o amor e o desejo. O autor observa que, com frequência, essas duas dimensões se apresentam dissociadas, de modo que o indivíduo tende a amar onde não deseja e a desejar onde não ama. Essa separação, longe de ser apenas um traço individual ou fruto do acaso, revela um mecanismo estruturante do psiquismo, sendo um recalque¹ das primeiras escolhas amorosas incestuosas, impedindo que o amor terno e a sexualidade se unam plenamente no mesmo objeto.

¹ O recalque, na teoria freudiana, é um mecanismo de defesa pelo qual conteúdos pulsionais ou representações incompatíveis com a consciência são afastados dela, permanecendo, contudo, ativos no inconsciente e retornando sob formas substitutivas, como sintomas, lapsos ou formações de compromisso (Freud, 1915/2006).

Assim, a ternura se dirige a figuras idealizadas e protegidas do desejo, enquanto a pulsão sexual busca outros objetos, desinvestidos de valor afetivo. Freud (1912/2018, p. 142) evidencia, portanto, que essa divisão entre amar e desejar é efeito da interdição cultural do incesto e marca profundamente o modo como o sujeito se relaciona amorosamente.

Dando continuidade, Ravanello e Martinez (2013, p. 7) trazem uma elaboração que o próprio criador da psicanálise apresenta sobre o amor, afirmando como o campo desse afeto está entrelaçado com o campo da verdade e esta, no campo da relação transferencial, que é uma das principais fontes motoras para o desenvolvimento da análise. Dando continuidade ao que foi apresentado, Freud percebe e destaca como os amores, apesar de semelhantes, se distinguem dentro e fora do campo da análise, sendo o “amor normal”, objetual, aquele que se encontra autêntico, afastando-se de uma pedagogia dos afetos, e o amor em que existe o suposto saber, que se aproxima, de acordo com o próprio Lacan, da noção de amor-paixão, sendo esse o sentimento pelo analista, por aquele que possui o suposto saber (RAVANELLO; MARTINEZ, 2013, p. 10). Ainda, ao destacar sobre as diferenças desses afetos no meio analítico e na vida, Roudinesco e Plon (1944/1998, p. 769), trazem uma perspectiva sobre tal formação, afirmando que a transferência é feita do mesmo enchimento que o amor comum, entretanto, aquele sentimento que é transferido é apenas o afeto que o analisando sente pelo analista.

A fim de esclarecer tais ponderações sobre as dinâmicas do que é o afeto “amor” nas obras da psicanálise, Ravanello e Martinez (2013, p. 12) afirmam que esse sentimento deveria ser desnaturalizado, por não ser uma potência capaz de ser mensurada, nem instintual em sua intensidade, algo que o próprio Freud já apresentava em seus estudos. Para além do destacado, o psicanalista francês Jacques Lacan afirmava, “falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico” (LACAN, 1972-1973/2008). Tal afirmação indica que, sem os atravessamentos que o amor produz entre analisando e analista, a psicanálise perderia parte de sua dimensão única, evidenciando a intensidade e o impacto do afeto na experiência subjetiva.

Ademais, o amor é abordado na teoria psicanalítica também em um contexto narcísico, sendo uma das dimensões mais importantes do desenvolvimento do *Eu*². Inicialmente, há uma projeção do amor sobre o próprio sujeito, conforme destacam Ravanello e Martinez (2013, p. 20). Posteriormente, esse afeto se desloca para o objeto amado (FREUD, 1914). Um dos conceitos que ilustram essa dinâmica é o de “amor feliz”, apresentado por Freud em *Sobre o*

² O Eu (ou Ego) é a instância psíquica que atua como mediadora entre as exigências pulsionais do Id, as imposições morais do Supereu e as condições da realidade externa. Formado a partir das experiências e identificações do sujeito, o Eu tem como função organizar a vida psíquica, buscando conciliar os desejos inconscientes com o que é possível no mundo real (Freud, 1923/2011).

narcisismo: uma introdução (1914), ao tratar da nostalgia pelo objeto perdido na infância, percebida como uma forma de fantasia que o sujeito mantém sobre suas vivências primordiais. Vale destacar que os amores estão, em parte, sempre idealizados e derivam de sentimentos originados no próprio Eu narcísico, que são transferidos para o objeto amado. Essa perspectiva evidencia como o amor pelo outro mantém uma relação estreita com a origem e a estrutura do Eu, revelando tanto a intensidade quanto a complexidade das experiências afetivas humanas.

Por fim, é importante destacar o posicionamento que a psicanálise assume diante do amor, quando Freud (1918/2018, p. 155), evidenciando de forma clara ao ponderar sobre os conceitos de desejo, amor e relacionamento duradouro, que tal sentimento tem um comportamento de natureza polissêmica e de extrema complexidade perante os modos que ela se manifesta nas relações, visto que tal afeto comporta como uma ampla gama de possibilidades dentro de um mesmo fenômeno, podendo configurar como um laço social duradouro. Para além do que foi dito, o afeto amor é, indubitavelmente, um mecanismo necessário para a existência humana, se configurando como um dispositivo natural para cuidar de diferentes permeações que o sujeito vive. Como já apresentado por Freud (1912/2018), em seus textos, esse afeto é de extrema pertinência perante as elaborações psíquicas em que as pessoas são atravessadas, destacando tal importância, como um componente indispensável da constituição de sua existência. Em conclusão, foram apresentados, neste subtópico, três tipos de amor trabalhados pela teoria psicanalítica e evidenciados por Freud ao longo de seus estudos: o amor do campo das pulsões, o amor das transferências e, por fim, o amor do campo do narcisismo. As três formas coexistem e dialogam entre si no inconsciente, compondo dimensões fundamentais da experiência amorosa e da própria constituição do sujeito.

6.2 Os afetos na atualidade

O amor é debatido durante extensas e mais diversas eras, podendo ser percebido durante a antiguidade clássica, como foi em Roma e Grécia, até no Egito Antigo, como apresentado por Giddens (1993, p. 47). Entretanto, após a compreensão dos amores sob a ótica da psicanálise, é de suma importância o aprofundamento das elaborações desses afetos sob uma perspectiva contemporânea, social e brasileira. Como apresentado na abordagem de Geni Núñez, em *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar* (2023), é destacado a polissemia do amor e dos objetos amados, evidenciando as formas que existem para além da monogâmica de se relacionar na contemporaneidade e suas nuances. Ademais, vale salientar como a autora identifica que tais formatações relacionais não monogâmicas têm sua origem

anterior ao período da apropriação do Brasil, descobrimento, indicando que a formatação colonial monogâmica passou a se tornar dominante no território brasileiro em decorrência dos processos de invasão, colonização, escravidão e catequização.

Tais ponderações revelam-se de extrema importância ao destacar que o contexto monogâmico atual é permeado por diversas violências veladas em suas dinâmicas relacionais e, em outras formatações que escapam das dinâmicas coloniais, não apenas buscam divergir desse modelo, mas também procuram se afastar dessas pequenas violências que nelas se manifestam. Para além dessa percepção, vale destacar que as configurações que enxergamos hoje como novas ou revolucionárias, já estavam presentes em civilizações e culturas ancestrais, como exemplo desses modos de relacionar, os vários dos povos indígenas que aqui habitavam o território brasileiro antes da invasão portuguesa, cuja organização relacional difere significativamente da tradição católica, sendo essas amplamente condenada e extinta em grande parte dos invasores que difundiram tal formatação violenta e colonial.

Dando continuidade, as novas formatações afetivas que emergiram do contexto contemporâneo, como a não monogamia, o poliamor e as relações abertas, já apresentadas por Núñez (2023), buscam transitar por modos de afetos que sustentam a autonomia, a liberdade e a preservação da individualidade. Tais configurações fogem de uma lógica relacional pautada na ideia de propriedade e buscam formas decoloniais de se relacionar com o outro. No entanto, embora essas dinâmicas representem tentativas de resistência às violências simbólicas e emocionais presentes nas relações tradicionais, elas também têm revelado uma ótica neoliberal do sujeito contemporâneo, como destacado por Rocha (2023) em seu trabalho de conclusão de curso, que, embora o sujeito procure relações que possam trazer essa autonomia, elas acabam por compor dificuldades em lidar com a falta (solidão), o desejo e até mesmo com sofrimento, apontando para o modo como as transformações culturais reconfiguram, mas não eliminam, as tensões inerentes aos laços amorosos.

Como destacado por Bauman (2004), em uma sociedade líquida, os vínculos humanos tendem a ser frágeis, e o indivíduo busca, a todo custo, evitar as angústias e a solidão, estabelecendo relações que possam minar o sentimento de insegurança que elas mesmas inspiram, oscilando entre o desejo de estreitar os laços e a necessidade de mantê-los frouxos. Tais dinâmicas se manifestam em formatações relacionais do tipo *on-off relationships*, ou, em tradução livre, relacionamentos intermitentes, nos quais se evita, a todo custo, o término da relação, como apresentado por Dailey et al. (2009). Um outro exemplo que se insere nessa mesma dinâmica é o chamado “relacionamento rebote”, caracterizado pela tendência do sujeito de iniciar uma nova relação logo após o término de outra, geralmente com o objetivo de

preencher um vazio emocional, evitar a solidão ou se distrair da dor do rompimento, conforme observado por Brumbaugh e Fraley (2015).

A construção dos afetos contemporâneos está atravessada por diversos contextos, como já mencionado; entretanto, é necessário ponderar as contradições e os limites que as atuais formas de se relacionar ainda enfrentam. Bauman (2004) traz uma elaboração bastante interessante ao dialogar com os textos de Freud sobre o mal-estar na civilização (1930), ao indicar a busca por relações pautadas em interesses e felicidades individuais. Nesse sentido, ele evidencia um preceito perspicaz de seus estudos: “Amar ao próximo como a si mesmo torna a sobrevivência humana diferente daquela de qualquer outra criatura viva” (BAUMAN, 2004, p. 99).

Ao refletir sobre as dimensões de afetos individualizados em uma realidade social, torna-se perceptível uma contradição de atitudes e das necessidades, ao contemplar tais pontuações citadas. Christian Dunker, em *Reinvenção da intimidade* (2017), apresenta uma reflexão sobre essa ótica da relação, ao apontar a dificuldade de estar sozinho e o “sofrer separado”, o autor destaca que a interpretação psíquica de estar só, frequentemente está associada ao desamor, ao abandono e à solidão, o que consequentemente é a causa um sofrimento intenso, marcado pela privação do compartilhamento da experiência dolorosa com o outro, daí a noção de “sofrer separado”. Além disso, Dunker (2017) observa que o sofrimento traz consigo efeitos de isolamento, afastamento e até rupturas das relações interpessoais, configurando um círculo vicioso em que o sujeito, ao mesmo tempo em que tem dificuldade em permanecer em uma relação, sofre pela ausência da mesma, interpretando-a como desamor, desamparo e solidão, e, por fim, acaba por se afastar ainda mais dos vínculos afetivos.

Ademais, vale destacar os afetos no âmbito das amizades, as quais também desempenham um papel fundamental na sustentação do sujeito em momentos de difíceis elaborações. Como pondera Epicuro (341–270 a.C.), “De todos os bens que a sabedoria nos ensina e que são necessários para a nossa sobrevivência, a amizade é de longe o maior” (ROSA, 2009). Ao salientar a importância das amizades, torna-se relevante investigar como se configuram, na atualidade, essas formas de se relacionar. É necessário, portanto, pontuar o que constitui uma amizade, como ela se forma e de que modo se distingue das relações amorosas. Como aponta Lejarraga (2010), a amizade não exige exclusividade: nela há ausência ou contingência dos desejos eróticos, reciprocidade e liberdade. Ainda que o ciúme possa emergir quando o(a) amigo(a) inicia um relacionamento romântico, diante da necessidade de dividir o investimento libidinal, a amizade não pressupõe tal exigência. Vale ressaltar que a escolha do objeto fraterno pode ter diversas motivações, como afinidades de gostos, pensamentos e até

posicionamentos políticos. Entretanto, na contemporaneidade, as amizades têm se inserido em uma lógica cada vez mais capitalista, marcada pela fluidez e pelo enfraquecimento dos vínculos, dinâmica semelhante à observada nas relações amorosas.

Essa ótica de consumo não se restringe ao material, mas se estende à dimensão simbólica das relações sociais. Como destacam Soares e Stengel (2019), o número de seguidores e de interações virtuais passou a configurar um constructo psicossocial de “amigos digitais”, cujos vínculos se mostram muito mais frágeis e suscetíveis à ruptura do que nas relações presenciais. Como já apontado por Lejarraga (2010), as amizades diferem da formatação romântica justamente por haver tal liberdade e a ausência dos desejos eróticos e românticos, mesmo que o ciúmes ainda possa existir nas duas formas de relacionar, a amizade tende a ser mais livre de tais obrigações que um relacionamento amoroso tende a exigir e o ciúmes tende a se dissipar com o tempo.

Portanto, ao refletir sobre os afetos na atualidade, mostra-se perceptível que as dinâmicas afetivas estão imersas em uma busca pela liberdade, autonomia e a individualidade, se destacando como um tipo de amor confluyente, como apresentado por Giddens (1998, p.72), que não se busca a ‘pessoa especial’ em si, mas a formatação de a ‘relação especial’, sendo uma tentativa de fugir, como destacado por Núñez (2023), e de romper com padrões de violências transgeracionais e estruturas que fortalecem a opressão. Contudo, mesmo na tentativa de rompimento desses padrões, inevitavelmente, tem-se recaído sobre um novo mal-estar contemporâneo geracional, como percebido por Dunker (2017), por experienciar uma dificuldade de lidar com a falta (solidão), desejo e sofrimento e a manifestação de relações frágeis, das quais se constituem, em grande parte, nas redes sociais da internet, evidenciado por Soares e Stengel (2019). Desse modo, os atravessamentos que perpassam tais vínculos, estão inseridos por uma lógica capitalista, ponderando, mais uma vez, uma perspectiva de obsolescência programada (ROSA, 2015), em que o sujeito se encontra em relações que já carregam, de antemão, uma data prevista para o fim da mesma, gerando um ciclo de vínculos fluidos, frágeis e com uma perspectiva neoliberal.

6.3 Os amparos e desamparos das relações

Diante das discussões anteriores, impõe-se a necessidade de analisar os impactos que as dinâmicas relacionais exercem sobre as experiências de difícil elaboração, como os traumas e outras formas de sofrimento às quais o sujeito está suscetível. De modo preliminar, torna-se pertinente examinar o sofrer na contemporaneidade, reconhecendo que sua origem pode estar

vinculada a contextos patológicos, econômicos, sociais, relacionais, religiosos e raciais. Partindo dessa compreensão, é importante reconhecer o que sofrer, embora seja um sentimento universal, não se manifesta da mesma forma, sobretudo quando se compreende que pode ter origem nas diversas esferas já citadas previamente. Tomando como exemplo o sofrimento racial, Santos (2023) aborda em seu artigo o sofrer gerado pelo racismo estrutural, o qual interfere no bem-estar, na autoestima e gera um sentimento de inferioridade, conforme os contextos apresentados em sua pesquisa. Esse modo de sofrimento difere totalmente daquele que Núñez (2023, p. 144) aponta ao afirmar que nem toda angústia possui base ética, podendo ser uma expressão de uma aflição que integra uma tentativa de dissuadir, como no caso de uma expectativa frustrada ou de uma chantagem mal-sucedida, destacando como existe um abismo entre tais aflições.

Partindo dessa recapitulação, para o sujeito que vivencia uma angústia de ordem racial, torna-se de suma importância o amparo para a elaboração e a superação desse sofrimento. Como aponta Santos (2023), o apoio profissional é fundamental para auxiliar no fortalecimento da identidade, mas cabe também refletir sobre a relevância e a eficácia das redes de apoio que o sujeito possui diante de tal vivência. Gomes e Ferraz (2024) destacam, em sua pesquisa, que as relações interpessoais no tratamento da depressão mostraram-se essenciais, oferecendo suportes multifacetados às necessidades apresentadas pelos pacientes. Do mesmo modo, em outros contextos, como o do racismo, essas relações podem servir como um verdadeiro farol, sinalizando que determinadas situações não estão corretas e oferecendo sustentação simbólica ao sujeito.

Nesse sentido, após compreender como os vínculos e as redes de apoio podem atuar como sustentação diante de sofrimentos diversos, torna-se relevante aprofundar a reflexão sobre o que se entende, de fato, por amparo e por desamparo. Para além do que já foi identificado, é necessário postular o que caracteriza cada uma dessas experiências, considerando que, em muitos casos, ambas podem se confundir a depender do método, da postura e da forma como são aplicadas nas relações. No contexto psicanalítico, o desamparo está fortemente associado à experiência de abandono, na qual as figuras parentais não percebem ou não respondem adequadamente às necessidades da criança, Resstel (2015). Partindo dessa elaboração, compreende-se que o abandono implica uma disparidade entre aquilo de que o sujeito necessita, o que é reconhecido como necessário e o que o outro é capaz de oferecer, configurando, assim, o campo do desamparo. Já o amparo, no contexto psicanalítico, está profundamente ligado ao reconhecimento das implicações que atravessam o sujeito e aos seus desejos. Ele se manifesta na dimensão relacional e simbólica, que se estabelece a partir do Outro, aquele que escuta,

acolhe, nomeia e dá sentido, sem anular o sujeito. Assim, o amparo consiste no acolhimento dessas demandas e na sustentação simbólica oferecida nos momentos de maior fragilidade psíquica.

Articulando os conceitos apresentados e considerando a sociedade contemporânea e seus modos de se relacionar, torna-se pertinente questionar as influências e formas de “desamparo” que se manifestam na atual conjuntura e como elas impactam o sujeito, especialmente diante dos momentos de sofrimento. Como já destacado, Gomes e Ferraz (2024), observaram que as redes de apoio são importantes e produzem efeitos benéficos e significativos no suporte emocional de pacientes diagnosticados com depressão, conforme os preceitos do DSM-5³.

Contudo, no contexto contemporâneo, é válido refletir sobre as influências relacionais, considerando a fluidez e a superficialidade que permeiam as relações, ainda que existam formas de vínculo que não necessariamente se encaixem nessas dinâmicas. As formatações relacionais apresentadas, mesmo quando buscam maiores liberdades e independência, inevitavelmente reproduzem uma liquidez dos afetos, evidenciando lacunas na sustentação emocional e contribuindo para uma sensação de desamparo frente ao sofrimento, o que pode agravar ainda mais a experiência dolorosa do sujeito. É evidente, que as novas formatações não são as principais causadoras desta sensação de desamparo, porém, são contribuintes para uma lógica de desamparo perante a fragilidade dos laços.

³ DSM-5: Referência ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª Edição, um sistema de classificação e diagnóstico de transtornos mentais desenvolvido pela Associação Americana de Psiquiatria. O manual, atualizado periodicamente, organiza e define critérios explícitos para uma ampla gama de transtornos, com o objetivo de padronizar a linguagem e facilitar a comunicação entre os profissionais de saúde mental. Ele é uma ferramenta fundamental para o diagnóstico clínico, a pesquisa e o ensino na área.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa, foi possível compreender que o amor, na teoria psicanalítica, ocupa um lugar de extrema relevância e central na constituição do sujeito e de sua vida afetiva, atuando em diferentes dimensões e manifestando-se de distintas formas. Ele pode ser atravessado pelos conflitos entre amor e desejo, pelas dinâmicas amorosas que surgem na transferência e pela esfera primordial do amor narcísico, presente desde os primeiros anos de vida. Essas três modalidades coexistem e se entrelaçam na estrutura psíquica e afetiva na constituição e sustentação do sujeito.

Ao deslocar um olhar para as novas formatações e configurações dos afetos nas relações contemporâneas, sejam elas de amizade, familiares ou românticas, observa-se que repercutem as intensas transformações nas formas de se relacionar. Tais dinâmicas marcadas por configurações mais leves e que representam tentativas de ruptura com estruturas tradicionais e coloniais, também revelam as contradições de uma sociedade que, ao buscar autonomia e liberdade, se vê cada vez mais atravessada pela lógica da fluidez e do descarte. Observando um sujeito que busca evitar a todo custo a solidão e o sofrimento, mas que acaba por reproduzir relações frágeis e transitórias, nas quais o medo da perda e o desejo de controle coexistem de forma paradoxal.

Desse modo, foi pertinente refletir sobre os amparos e desamparos diante das angústias e do mal-estar que atravessam a sociedade brasileira atual. Embora esta pesquisa não tenha buscado mensurar esses impactos de maneira empírica, foi possível compreender, sob a ótica social e psicanalítica, como tais transformações atravessam a subjetividade e reconfiguram os modos de se vincular, amar e sustentar o outro. O desamparo, na teoria psicanalítica, é uma condição da falta de suporte nos vínculos, mas que, na contemporaneidade, tal sentimento pode ser intensificado pela fragilidade dos laços e pela busca constante por evitar sofrer a todo custo. Assim, o desamparo manifesta-se não apenas como ausência de suporte, mas também como resultado de uma sociedade que incentiva a substituição rápida de vínculos e a negação do sofrimento. De modo contrário, o amparo na atual sociedade, embora fragilizado, ainda se sustenta nas possibilidades de laço, na escuta e nas redes de apoio, que oferecem ao sujeito um espaço simbólico de reconhecimento e elaboração do sofrimento.

Por fim, conclui-se que os impactos das novas dinâmicas relacionais não podem ser mensurados de maneira exata, mas podem ser sentidos no modo como o sujeito elabora suas angústias e vivencia os afetos na atualidade. A psicanálise, ao reconhecer o amor como experiência fundante da subjetividade, permite compreender que, mesmo diante da fluidez e do

mal-estar contemporâneo, ainda há espaços de amparo possíveis, especialmente quando o vínculo se sustenta na escuta, na alteridade e na responsabilidade com o outro. Desse modo, pensar os afetos na atualidade é também interrogar como, entre o amor e o sofrimento, o sujeito contemporâneo segue buscando sustentar-se em meio ao desamparo que o constitui.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRUMBAUGH, Claudia C.; FRALEY, R. Chris. Too fast, too soon? An empirical investigation into rebound relationships. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 32, n. 1, p. 99–118, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0265407514522886>

DAILEY, R. M.; PFIESTER, A.; JIN, B.; BECK, G.; CLARK, G. On-again/off-again dating relationships: How are they different from other dating relationships? **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 16, p. 23–47, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01208.x>

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo. Acesso em: 28 maio 2025. , 2015.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Reinvenção da intimidade**: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FREUD, Sigmund. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor** (Contribuições para a psicologia do amor II). Rio de Janeiro: Imago, 1912/1996. (E.S.B., v. 11).

FREUD, Sigmund. **O inconsciente**. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1915/2006. v. II. p. 13-74.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id**. In: FREUD, S. Obras completas, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 1923/2011.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1926.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1930.

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo**: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1898–1935/2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza B. de Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

GOMES, E. B.; FERRAZ, J. H. C. O papel da rede de apoio no tratamento de pacientes com depressão. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 10, p. e6233, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N10-137. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/6233>. Acesso em: 27 out. 2025.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LEJARRAGA, Ana Lila. A noção de amizade em Freud e Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-20, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 out. 2025.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza**: para uma civilização do ligeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RAVANELLO, Tiago; MARTINEZ, Marisa de Costa. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 35, n. 29, p. 159-183, dez. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 out. 2025.

RESSTEL, CCFP. Desamparo psíquico. In: Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2015, pp. 87-104.

ROCHA, N. S. **A não-monogamia está na moda?**: uma análise da popularização e captura neoliberal das relações não-monogâmicas. Orientadora: Giuliana Volfzon Mordente. 2023. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro:Jorge Zahar, 1998.

ROSA, Carlos Mendes. **Envelhecer em tempos de juventude**: corpo, imagem e temporalidade. 2015. p. 71. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ROSA, T. E. C. BENÍCIO, Maria Helena D'aquino . As redes sociais e de apoio: o conviver e a sua influência sobre a saúde. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde**, v. 47, p. 80-83, 2009.

SANTOS, J. E. DOS.; COSTA, I. I. DA .. Vida contada, vida vivida: racismo e sofrimento psíquico. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, n. 2, p. e6628328, 2023.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Entre as amizades perfeitas e virtuais, o sujeito adolescente. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 51, n. 2, p. 195-223, dez. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 out. 2025.

KUSS, A. S. Suy. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.